



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,98% São Paulo 0,8% Nova York	109.928115.310 15/316/317/318/3	R\$ 1.212	Na sexta-feira R\$ 5,015 (-0,37%)	14/março 5,120 15/março 5,159 16/março 5,093 17/março 5,034	R\$ 5,544	6,76%	Setembro/2021 1,16 Outubro/2021 1,25 Novembro/2021 0,95 Dezembro/2021 0,73 Janeiro/2022 0,54

CONJUNTURA

Renda do brasileiro cai 9,7% em um ano

Pesquisa do IBGE indica a perda de rendimento do trabalhador na comparação entre 2022 e 2021. Desemprego chega ao menor nível desde 2016, com 12 milhões de desocupados. Informalidade emperra crescimento econômico

» MICHELLE PORTELA

A renda média do trabalhador brasileiro ficou em R\$ 2.489 no trimestre encerrado em janeiro de 2022, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A população desocupada está em 12 milhões de pessoas.

O valor apurado pela pesquisa nos meses de novembro, dezembro e janeiro de 2022 representa queda de 1,1% em relação ao trimestre encerrado em outubro, e de 9,7% frente ao trimestre finalizado em janeiro de 2021. Nenhuma categoria apresentou alta no rendimento durante a realização do levantamento.

Na indústria, houve queda de 4,1% na renda — ou menos R\$ 102 no bolso do trabalhador —, mesmo com alta na ocupação de empregos com carteira. Também houve diminuição no setor de administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais: queda de 2,1%, ou menos R\$ 76.

A pesquisa também indica que a população desalentada, isto é, aqueles que desistiram de procurar emprego, ficou em 4,8 milhões de pessoas. É uma redução de 6,3% (menos 322 mil pessoas) em relação ao trimestre anterior e de 18,7% (menos 1,1 milhão de pessoas) na comparação anual.

A Pnad Contínua mostrou que a taxa de desocupação caiu para 11,2% no trimestre encerrado em janeiro, recuo de 0,9 ponto percentual na comparação com o trimestre anterior, encerrado em outubro. É a menor taxa para o período desde 2016, quando registrou 9,6%.

Em números, significa dizer que 12 milhões de pessoas continuam a procurar uma nova oportunidade de trabalho. Trata-se de uma redução de 6,6%, ou 858 mil pessoas a menos na fila dos desempregados na evolução dos trimestres terminados em outubro e janeiro, respectivamente.

No confronto com o mesmo período do ano anterior (novembro, dezembro e janeiro de 2021), a queda no percentual de desocupados é de 18,3%, o que representa 2,7 milhões de pessoas a menos em busca de trabalho.

Carteira assinada

O número de empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado (excluindo-se trabalhadores domésticos) ficou em 34,6 milhões de pessoas, 2% a mais (681 mil pessoas) que em outubro e 9,3% acima (2,9 milhões de pessoas) de janeiro de 2021.

No que diz respeito à informalidade, janeiro registrou 38,5 milhões de trabalhadores informais (40,4% da população ocupada), taxa menor que a do trimestre anterior (40,7%) e maior que a do mesmo período do ano passado (39,2%).

A coordenadora de Trabalho

e Rendimento do IBGE, Adriana Beringuy, explica que o setor de comércio influenciou positivamente o resultado. “A expansão do comércio indica a manutenção da tendência de crescimento dessa atividade, principalmente, a partir do 2º semestre de 2021. No trimestre atual, a população ocupada no comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (18,4 milhões de pessoas) já supera a registrada no período pré-pandemia (trimestre móvel de dez-jan-fev de 2020)”, afirma.

O dado não surpreendeu os representantes do setor. “Dados de outras pesquisas já mostravam a recuperação econômica. O problema é que o rendimento médio real ainda está muito baixo e pressionado por conta de uma inflação elevada, o que implica em menor consumo das famílias, uma vez que a inflação está corroendo a renda do trabalhador”, explica Guilherme Dietze, assessor econômico da Federação do Comércio de São Paulo (Fecomercio-SP).

Para Dietze, a informalidade é uma chaga crônica. “Informalidade não é um problema atual. A gente precisa reduzir esse patamar para abaixo de 10% para o país voltar a crescer. Mas temos fatores e condições desfavoráveis para uma situação mais confortável para investimento em emprego e renda. Por isso, com fatores externos como guerra e internos, como a inflação e baixa renda, a situação ainda inspira cuidados”, comenta.

Recuperação

Rodolpho Tobler, economista e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV), entende que o país começou a dar sinais de recuperação econômica no segundo semestre do ano passado, como resultado da vacinação da população e flexibilização das regras sanitárias.

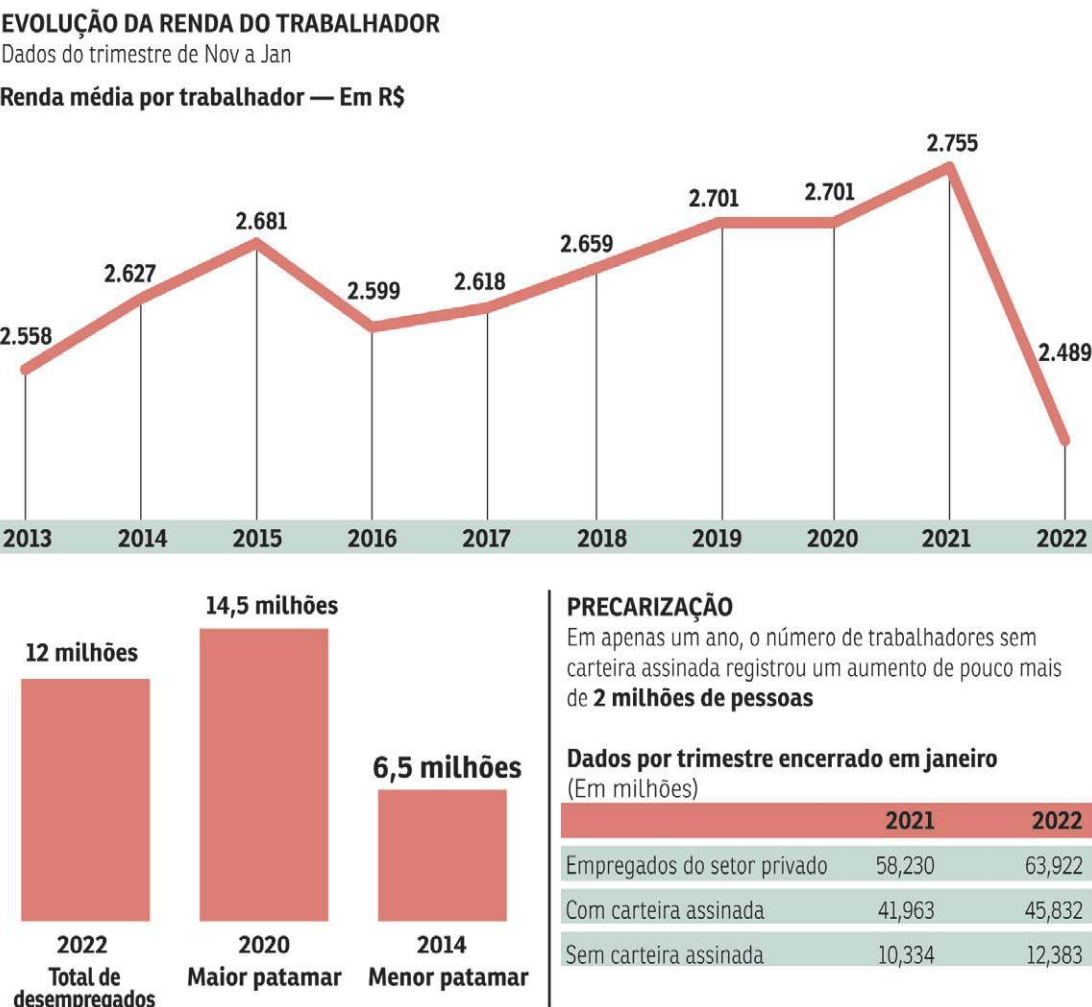
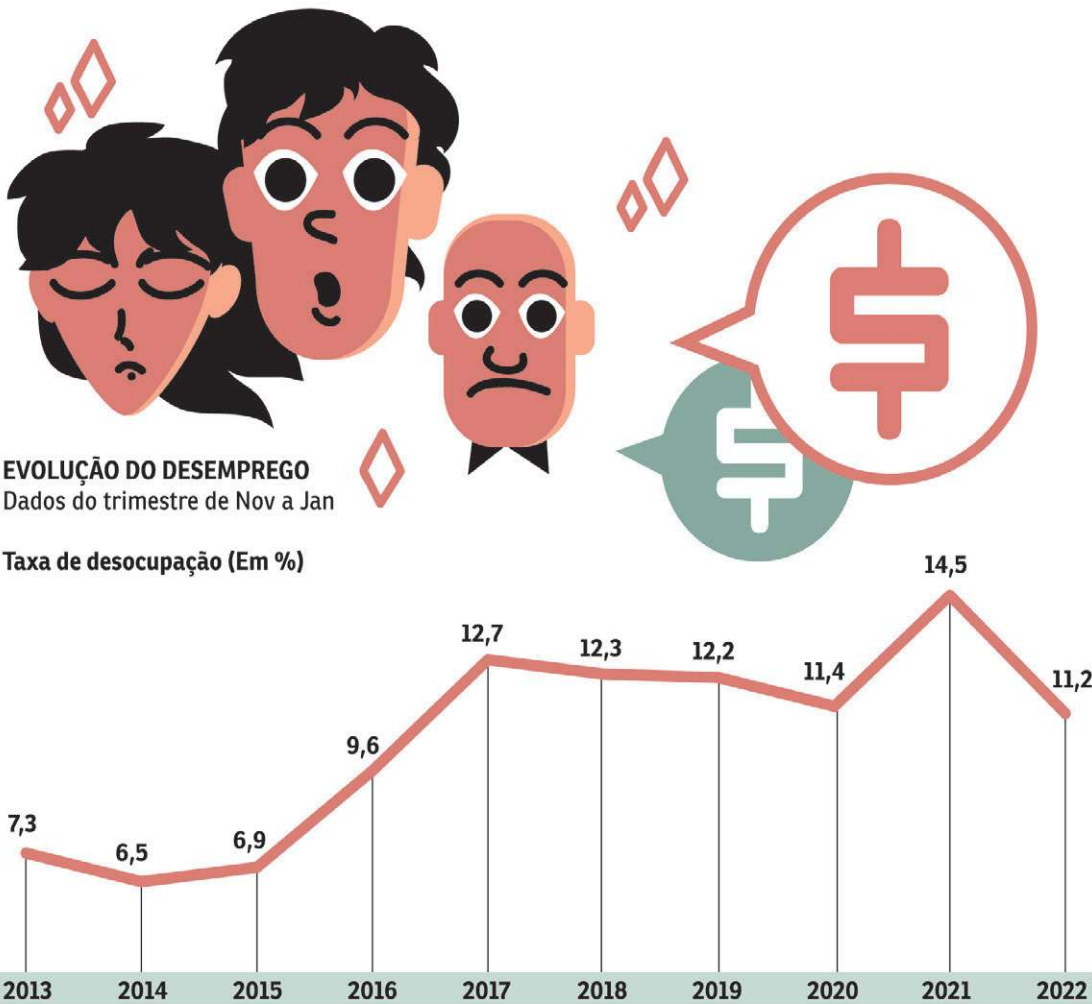
“A questão é que a recuperação do emprego não impulsionou a recuperação da renda. Atualmente, com um grande número de pessoas procurando emprego, é natural que no início da recuperação da crise ocorra a oferta de baixos salários”, explica.

Com a inflação em alta e a guerra entre Rússia e Ucrânia, a situação das famílias pode ficar ainda mais precária. “Não temos perspectiva de que a inflação se reduza nos próximos meses. Com isso, a renda média do brasileiro deve continuar baixa, o que tende a ser um grande problema. As famílias, com certeza, estão com as rendas muito comprometidas”, avalia Tobler.

Juliana Inhasz, professora e pesquisadora do Insper, aponta que o grande problema, a partir de agora, é a incerteza. “As relações de trabalho estão mais frágeis porque os empregadores não querem investir diante de um cenário de incertezas. Novos ciclos de covid, as eleições presidenciais e o perfil do governo pioram o cenário”, diz.

Pouco a comemorar

Apesar da queda na taxa de desemprego no trimestre encerrado em janeiro, renda média do trabalhador cai quase 10%



12 milhões
Total de desempregados

95,4 milhões
total do contingente de pessoas ocupadas, dado 1,6% superior ao trimestre anterior

55,3%
nível de pessoas ocupadas da população com idade para trabalhar

27,8 milhões
total da população subutilizada, dado teve queda de 2,2 milhões de pessoas em relação ao trimestre anterior

Fonte: IBGE/Pnad Contínua

PRECARIZAÇÃO
Em apenas um ano, o número de trabalhadores sem carteira assinada registrou um aumento de pouco mais de **2 milhões de pessoas**

Dados por trimestre encerrado em janeiro (Em milhões)	2021	2022
Empregados do setor privado	58,230	63,922
Com carteira assinada	41,963	45,832
Sem carteira assinada	10,334	12,383

4,8 milhões
número de brasileiros desalentados, que desistiram de procurar emprego no trimestre encerrado em janeiro

38,5 milhões
total de trabalhadores informais (40% da população ocupada) no trimestre encerrado em janeiro

Botijão vai a R\$ 160

Com o mega-aumento do preço dos combustíveis, o valor do gás de cozinha disparou. Segundo os dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) atualizados ontem, o botijão de 13 quilos, item essencial para preparação de alimentos das famílias, já chega a custar R\$ 160. Na média, o gás é vendido no país a R\$ 112,54, uma alta de 35% em relação ao valor praticado há um ano, quando o botijão era vendido por, em média, R\$ 83,11.

Pela pesquisa de preços da agência, o botijão mais caro é encontrado em Mato Grosso, por R\$ 160. Na região Sul, o valor mais alto identificado foi de R\$ 155. No Norte, R\$ 150. Já nas regiões Sudeste e Nordeste, o gás de cozinha já é vendido a R\$ 144,99 e R\$ 135, respectivamente.

O preço reflete o reajuste de 16,1% no valor do gás de cozinha anunciado pela Petrobras na última semana. Além do valor do insumo, a quantia paga pelos consumidores inclui imposto estadual e os custos e margens de comercialização das distribuidoras e dos pontos de revenda.

A realidade é distante do que foi prometido pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, no primeiro ano do governo Jair Bolsonaro. À época, ele afirmava que o país passaria por um “choque da energia barata”. Em diversas ocasiões, o economista afirmou que o preço do botijão de gás poderia cair pela metade, algo em torno de R\$ 35, considerando o valor médio à época. Em 2022, o presidente Jair Bolsonaro convive com a alta do combustível, que pode ficar ainda mais caro a depender da situação geopolítica global e da variação do câmbio.

Ex-presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e professor de planejamento energético da UFRJ, Maurício Tolmasquim lembra que o acesso ao gás de cozinha vai além do uso de um combustível, pois se trata de um insumo de necessidade básica, que interfere diretamente na segurança alimentar das famílias. “Tão importante quanto ter o alimento é poder cozinhar. Usar combustíveis improvisados, como lenha, álcool e outros, em substituição a gás, coloca em risco a saúde das pessoas, da população, sobretudo da população mais pobre”, afirma.

O assessor sênior do Instituto Pólis, Clauber Leite, ressalta que a disparada dos preços afeta, sobretudo, as famílias mais pobres. “Quando falamos em aumento do gás de forma descontrolada, elas passam a deixar de ter acesso a algum tipo de alimento, para comprar o gás. Infelizmente, as famílias mais pobres começam a utilizar outros meios de combustíveis, que não são adequados”, disse.